

Preço avulso — 20 réis

# GRANDE FOLHA

SEMANARIO  
ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL: Joaquim dos Anjos  
SECRETARIO DA REDACÇÃO: Hogan Teves

PROPRIETARIOS: Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 números . . . . . 300 rs.  
FOÇA DE LISBOA — Série de 15 números 400 rs.

LISBOA

24 de dezembro de 1903

Editor: THOMAS RODRIGUES MATHIAS  
Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»  
Largo do Conde Barão 50.

↳ Individualidades Artísticas ↳

Adelina Abranches

Quando alguém escreve palavras destinadas a completar o perfil gráfico de um nome mais ou menos evidente e brilhante, deve experimentar, positivamente, uma colisão na consciência, caso a tenha. Pois que, em taes circumstancias, a dignidade do escriptor ou do monographista prefere, absolutamente, negar auxilios para erguer uma gloria de pés de barro. Quer isto dizer que ás vezes a palavra é que é de ouro, e o silencio de prata. E' o meu caso de hoje. E' de outro a palavra; é por isso que eu a falo, contente e satisfeito. Honroso será dizer da actriz Adelina Abranches meu diaz de palavras sinceras e verdadeiras, que o seu talento nos merece a todos. Actrizes não faltam por ahí; falar d'ellas ou de alguma d'ellas, com o mesmo louvor e applauso, é que tem desprestigiado os que escrevem e prejudicado no seu caminho aquellas que não são actrizes, mas netrizes a valer. As primeiras não tem numero; as segundas são raras e raras. Entre as mais novas, Adelina Abranches é das rarisimas. E' preciso vê-la, falar d'ella, invocá-la. A isso tem direito o seu talento. E' certo que esta palavra, *talento*, está miseravelmente polluida por todos os escribes do acaso e da aventura. Consentir uma pena de escriptor ou jornalista ao primeiro mercenario que se topa na rua ou nas escadas de uma redacção, equivale a passar diploma de cirurgião alli aos dentistas do Rocio ou aos palhaços do Colyseu. E' por isso que em Lisboa, — que se saiba — surgem nos momentos solennes nada menos de quinhentos jornalistas, dos quaes quarentos e cincoenta não sabem ler nem escrever. E' tambem por isso que toda a gente tem talento, parte da qual fica ás vezes espartada da virtude que lhe attribuem.

Dizer que Adelina Abranches é uma actriz de real talento, quando já se disse o mesmo, em letra redonda, de todos os eminentes maestros das philarmônicas saloias, — poderá significar da minha parte grande ousança ou participação completa na já consagrada decadencia d'essa palavra. Não é nada d'isso. E' que eu preciso primeiro purificar essa palavra, despollui-la, tirar-lhe toda a macula, reabilitá-la, e ougá-la com a minha sinceridade e boa fé, e com a justiça do meu espirito. Assim purificada e ougada, eu direi que Adelina Abranches é uma das rarisimas actrizes de real, de verdadeiro talento que ha na nossa terra. Ella veio do palco do Principe Real, onde os impetus artisticos da

sua primeira mocidade foram soffocados por um ambiente irrespiravel, denso, e por sua natureza inimigo de todas as modificações e maleabilidades. Liberta, a actriz appareceu na scena cosmopolita e humana do theatro D. Amelia, onde logo rutilou notavelmente o seu talento complexo, como é o talento de todo o verdadeiro artista. Vinol-a todos nas *Actrizes de Richelieu*, n'esse interessantissimo

figuras femininas. E' uma artista que busca a nitidez dos pormenores, ligando-os consequentemente para dar a completa exterioridade objectiva da figura, sobeja-do-o sentimento que põe alma e ternura, energia e calor á personagem. Artista de forma e artista de sentimento. Reparar, que é esta a sua capital e distinctissima virtude de artista!

Na *Resurreição*, drama que o meu brilhante camarada Mello Barreto traduziu para o theatro D. Amelia, encarna Adelina Abranches um dos papeis principaes. Esse papel, tão intensamente objectivo como subjectivo, tão cheio de dôr nos olhos e d'agonia no coração, deve Adelina Abranches realisar-o admiravelmente. O seu talento de artista da forma e do sentimento, deve envolver a personagem com as lagrimas da Mulher desgraçada, humilhada e perdida!

Amadeu de Freitas.



ADELINA ABRANCHES

“Resurreição”

Peça em 5 actos, original de Leon Tolstol e Henri Bataille, traducção do sr. Mello Barreto

ACTO I

SCENA X

NEKLUDOFF (Eduardo Brazão), só, e depois KATUCHA (Adelina Abranches)

NEKLUDOFF

(So, reflecte durante alguns segundos; depois hesita em se deitar. Aspira o perfume do sabonete) — Sinto passos na escada . . . São passos do homem . . . E' o Tikon . . . Vão-se extinguindo . . . Fecham a porta lá em baixo. E correm o ferrolho. . . (foe á janella) Ninguém . . . (reparando melhor) Ah! sim! . . . (chamando em voz baixa, do janella) Katucha! . . . (silencia) Katucha! E's tu? . . . (falla-lhe da janella) Katucha . . . pega-te que sabes . . . tenho uma cousa a pedir-te. (Vae ao leito e tira o travesseiro da fronha. Katucha entra, passados alguns instantes.) Katucha . . . quero pedir-te o favor de me ajudares a enfiar este travesseiro. Sósinho não posso; — bem vê.

(Katucha aproxima-se do leito para fazer o que elle lhe pede e Nekludoff, indo por detrás d'ella, dá-lhe um beijo na nuca.)

KATUCHA

(Voltando-se) Que faz, senhor?!.. Será possível?!.. Isso não lhe fica bem. Dmitri Ivanovitch, estas palavras são proferidas fitando-o bem. Nekludoff

travessi da *Anecdota*, e n'aquell'outro encantador travessi da *Cena dos cordeas*, cuja finura, sentimento e graça, ainda n'este momento recordo com uma verdadeira saudade.

Adelina Abranches é do theatro D. Amelia, como na resumida scena de Lisboa, uma das principaes

quer agarrar-a pela cintura.) Oh! deixe-me, por Deus!

NEKLUDOFF

Ouve-me, Katucha... (continúa a querer abraçá-la.)

KATUCHA

Oh! por Deus lhe peço que me deixe!... (Chora.)

NEKLUDOFF

Não chores, Katucha... Peço-te perdão... Não te quero mal; — bem vês. Pelo contrario. Porque não ergues para mim esses teus lindos olhos? Dirias-me que te esqueste do teu amigo de infancia, do teu companheiro de outra era, que, durante estes annos de ausencia, só teve um pensamento a dominal-o: tornar a vêr-te!... Porque a verdade, Katucha, é que só a tua doce imagem me trouxe até aqui!... Esta tarde, ainda, á mezlha que me approximava de casa, dizia comigo: «Deus queira que a veja quando entrar!... Quem dera vela surgir á porta para ser a primeira a dar-me as boas vindas!... E afinal não te vi, Katucha! Sabe Deus que infinita tristeza me invadiu a alma n'esse momento!... Mas não me atrevia a perguntar por ti. Ha pouco, porém, sem o esperar, ouvi a tua voz. E o coração começou a pulsar-me, desordenadamente. Foi como que se um raio de sol divino tivesse inundado de luz a casa toda! Eras tu, reconheci os teus passinhos miúdos nos degraus... fic, fic... como antigamente... Quando entraste, nem posso descrever-te a impressão que experimentei! Tinha-te na minha presença mais formosa e mais linda do que nunca, a fitar-me com os teus bellos olhos negros como carbões...»

KATUCHA

Tambem eu, Dmitri... quando soube que tinha chegado, senti o coração bater-me com mais força. Mas não me atrevi a subir... porque tinha medo de cõrar na presença das madrinhas!...

NEKLUDOFF

Bem vês... os nossos corações pulsavam um pelo outro sem que ninguém o suspeitasse... Mas é preciso que saibas, Katucha, que durante estes annos de ausencia nem um só momento deixei de pensar em ti. Quando estava triste, quando tinha algum desgosto, era á tua imagem querida, meu amor, que eu recorria para me desanuviar o espirito e para me encher de luz o coração...»

KATUCHA

Tambem eu nunca o esqueci, Dmitri Ivanovitch!

NEKLUDOFF

Ha pouco, quando te vi apparecer, mais esbelta ainda e mais gentil do que julgava encontrar-te, senti que toda a minha infancia affluía d'um jacto no coração! E d'então para cá o meu sangue escalda e o meu cerebro não funciona! Só penso em contemplar-te, Katucha, em estar junto de ti, em beber as tuas palavras, os teus sorrisos, em cingir-te contra o meu peito, em vêr-te correr deliciosamente, como ainda ha um momento... Para que has de ter medo de mim? Senta-te aqui, a meu lado...»

KATUCHA

Eu não tenho medo,

NEKLUDOFF

Mas... senta-te...

KATUCHA

Não sei se...

NEKLUDOFF

(Interrompendo-a.) Peço-te...

KATUCHA

N'esse caso... (sentá-se.)

NEKLUDOFF

(Apertando-a.) Amo-te, Katucha!... (silencio.) E' verdade: dige-me cá: ficaste satisfeita quando a tua Laura te disse que ambisses para a cartumagem em vez de ir a pé até a igreja?

KATUCHA

Fiquei...

NEKLUDOFF

Fui eu que lh'o pedi. Tive uma boa idéa — não te parece?... (pausa.) Dá-me a tua mão... Assim... Não olhaste para mim uma unica vez durante a missa... Porquê?

KATUCHA

Não me atrevi...

NEKLUDOFF

Se tu soubesses como estavas linda, Katucha, junto do altar, no meio das nuvens d'incenso que subiam do thribulo a envolver-te a figurinha gentil!... Dirias-me a imagem de uma d'essas santas de rosto angelical e olhos sonhadores, ante as quaes nos prostramos cheios de oração e de fé!

Tudo era festa ao redor de mim: os canticos de alegria, a profusão de luzes, o perfume das flores, o oiro brilhante das casacas... Mas nada se podia comparar á minha Katucha com o seu vestidinho branco e o seu laço cõr de rosa enfeitando-lhe os cabellos de azeiche!... E quando o sacerdote te afastou com o braço para abrir passagem, fiquei assombrado de vêr que havia alguém no mundo incapaz de te venerar como mereces!... Tudo o que se fazia n'aquella igreja era por ti, Katucha!... Era por ti que ardiam aquellos lumes, era por ti que perfumavam aquellas flores, era por ti que se elevava a Deus a musica d'aquelles cantos!...

KATUCHA

Oh! A pobre Katucha não vale tanto, Dmitri!

NEKLUDOFF

Vale, sim! E muito mais até! Lembra-te do jogo do garelle n'aquelle dia da festa da aldeia?

KATUCHA

So me lembro!

NEKLUDOFF

Tinhamos que correr os dois. Peguei-te na mão assim... (pega-lhe na mão.) Um, dois, tres... E abalei por ahí fóra...

KATUCHA

Pois sim; — mas começou a correr tão depressa, tão depressa... que tive de ficar para traz...

NEKLUDOFF

E depois?

KATUCHA

Depois... Tratei de me occultar atraz de um massico de sabugueiros onde não poderiam apanhar-me... Era a regra do jogo...

NEKLUDOFF

E eu fui logo ter contigo... Mas esqueci-me de que havia alli um grande fõssõ, todo coberto de ertigas...

KATUCHA

E exhibi... Ah! Mas levantou-se depressa!

NEKLUDOFF

Levantou-me porque me dêste a tua linda mãozinha... assim... (pega-lhe na mão.) E lembra-te do que me disseste, Katucha!

KATUCHA

Não,

NEKLUDOFF

Perguntaste-me com um sorriso cheio de candura: «Magout-se?» (pausa.) E depois...?»

KATUCHA

(Perturbada.) Depois approximei-me de si, Dmitri... E enquanto arranjava a trança do cabelo que se tinha desmanchado na corrida...

NEKLUDOFF

Continua...

KATUCHA

Intinou-se para mim... e deu-me um beijo...

NEKLUDOFF

Na bocca...

KATUCHA

Foi muito mal feito, Dmitri Ivanovitch! (pausa.) Mas eu perdoei-lhe.

NEKLUDOFF

(Abraçando-a.) Meu amor! (de repente levanta-se.) Não ouviste?... (Katucha ri.) Porque te ris tu?

KATUCHA

Rio, porque vejo que não está habituado. Sabe o que é esse barulho? É a governante a resonar lá em cima!

NEKLUDOFF

Ah! sim?... Pois então, resona, boa velha... resona para ahí á tua vontade... (ouve-se os sinos; — vac á janella.) Agora são os sinos... E que linda noite está, Katucha!... Vem para ao pé de mim. Ninguém nos pode vêr. Não ouvos nas esta-

lidos? E' a primavera, meu amor... E' o gelo que começa a estalhar-se...

KATUCHA

(Eulevada.) E' a primavera, Dmitri!

NEKLUDOFF

Escuta... Um gallo a cantar no longe. Vae amanhecendo... Outros que lhe respondem mais além... E a neve do rio estalando sempre, como se fosse vidro... a derreter-se pouco a pouco... (silencio.) Mas espera... ainda ha gente na herdade!...

KATUCHA

São os camponeses da aldeia vizinha que vieram fazer a fogueira da Paschoa com os d'aqui.

NEKLUDOFF

A fogueira da Paschoa! Bem me recordo! Cantava-se e dançava-se ao redor d'ella que é um louvar a Deus! E que deliciosas cantigas!... Se tu quizeses cantar-me baixinho uma d'ellas, Katucha!

KATUCHA

Não posso... E as tías? — Eram capazes de acordar!...

NEKLUDOFF

Baixinho... aqui no meu ouvido... aquella que fala no teu nome...

KATUCHA

(Canta a meia voz.)

NEKLUDOFF

Mais baixo... mais baixo ainda... (cantam os dois em voz muito baixa. Depois de uma pausa.) Sabes, Catharina, que ainda ha outro costume a respeitar na Paschoa?... Os beijos dão-se na bocca, porque n'este dia sãomos todos eguaes.

KATUCHA

Não, Dmitri. Conheço muito bem a tradição. Só os paes é que podem beijar-nos na bocca... Os estranhos... é na testa... (representando-lhe a testa.)

NEKLUDOFF

Mas o estranho pode enganar-se e beijar a bocca em vez de beijar a testa... (apertando contra o peito e beijando-se os dois na bocca, demoradamente. Ouvem-se os cantos dos camponeses que se afastam ao longe estalando netopões.)

KATUCHA

(Desprendendo-se dos braços d'elle.) Oh! meu Deus! O que nós fizemos! Tenho medo, Dmitri Ivanovitch!... Deixe-me!... Supplico-lhe que me deixe!...

NEKLUDOFF

Amo-te! Katucha!... Adoro-te!...

KATUCHA

Oh! Não, Dmitri!... Amanhá parte... Nunca mais nos tornaremos a vêr. E' um crime o que estamos fazendo... Deixe-me sair!

NEKLUDOFF

Bem. Já que assim o desejas... sae! (Abre os braços, deixando-a livre — Katucha occulta a cabeça no peito d'elle e chora.)

KATUCHA

Quero ir-me embora... Dmitri!... Quero ir-me embora! (E dizendo isto ainda mais se lhe cinge contra o peito. E'ora, ouvem-se os sinos e os cânos cantando: «Christo resuscitou!»)

(O piano vac lentamente)

## Bibliographia

A Arte Musical. — Visita-nos mais um numero d'esta interessante e bem redigida publicação, que insere na primeira pagina um retrato do grande compositor Hector Berlioz, acompanhado de um primoroso artigo em que é enaltecido o valor de tão distincto musico.

Agradecemos a visita.

## Primeiras representações

## Theatro D. Amélia

O heroe do dia, peça em tres actos, de Pierre Morzand e Claude Roland, traducção do sr. Alberto Braga

Quando nos dirigimos para o D. Amélia, na noite em que se deu a *première* d'esta peça, já sabiamos se que iamos assistir, porque os formos francezes se encarregaram de nos demonstrar o valor do trabalho, quando em setembro ultimo se representou, com regular successo, no *Gymnase*, de Paris. Se, porém, a summita do seu atabalhoado entredo, para nós, não representava novidade, havia contudo para nos agucar a curiosidade a traducção da mesma, que a empresa d'este theatro havia confiado ao primoroso escriptor sr. Alberto Braga. E, verdade, verdade, a meticolosa correccção e leveza do dialogo com que está tratada toda a peça, nada mais veio fazer do que confirmar os creditos de tão delicado escriptor e esclarecido litterato.

O heroe do dia, peça mais propria para figurar em qualquer outro theatro, é uma completa *pocheade*, satyra ligeira de determinados costumes parlamentares que tem por thema uma sequencia de troças e esbarrões muito repetidos, sobre a volubildade proveniente da falta de convicção de muitos deputados. O espectador desde o primeiro acto, ri, ri mesmo muito porque o dialogo é vivo, as situações são comicas, e as phrases equivocas (embora de luvã branca) se repetem incessantemente, mas em toda a obra existe um tão grande numero de inverosimilhanças, que rodam parte do merecimento da peça e que, prejudicando-lhe a naturalidade, lhe arrebatam tambem todo o interesse que poderia inspirar.

Os dois primeiros actos estão realmente bem trabalhados e assemelham-se muito ao successo natural (?) das scenas; mas no terceiro, a acção muda completamente, surgindo de repente situações archi-exaggeradas que procuram unicamente prender a attenção dos espectadores por meio da força dos incidentes. Assim, o enredo acha-se quasi dividido, e os acontecimentos de que o terceiro acto se occupa não são os que os dois primeiros davam lugar a esperar.

Está em poucas linhas o entredo da peça: Um deputado socialista, homem desprovido de vontade, de energia e de talento, enfim, uma nullidade, Roberto Savigny, é casado com Luette, uma encantadora menina que o adora. Elle, quasi que sem o querer, apenas por fraqueza, atraição a mulher com uma sua amiga, madame Lerenard, que devota ás relações do mundo politico, consegue fazer de Roberto o leader do partido socialista. Assim elle chega a tornar-se celebre pelos discursos que profero, e que são judiciosamente feitos pelo seu secretario. D'esta forma caminham as coisas quando a visita inesperada de uma mundana, Sonia de l'Estrel, muito afeiçoada a um deputado influente chefe de um grupo reaccionario, lhe vem propor para attenuar a sua céd politica, assegurando-lhe o apoio de muitos deputados, forçando assim a queda do governo.

Roberto accede sem grandes hesitações e muda, a conselho da sua instructora, não só de politica, mas até de casa e de alfama! O ministerio vae realmente a terra. Roberto torna-se o amante de Sonia e despreza madame Lerenard que, despedida, previne Luette de que o marido a enganou. Porém a este tempo elle consegue ser ministro, e depois de uma curta separação imposta pela mulher, quando ao soho trahido, interveio a sogra (tem a sua sogra) que consegue fazel-os unir novamente encarregando-se Luette, não só de olhar pela casa, mas tambem de guar seu marido.

O desempenho em geral satisfaz. Lucilia Simões, que sabe trazer com distincção e apresenta varias e lindas *toilettes*, revelou mais uma vez as suas extraordinarias qualidades artisticas na sua sympathica e juvenil graciosidade, principalmente no primeiro acto, onde tem duas scenas em que com difficuldade poderá ser igualada.

Lucinda Simões, uma grande actriz e um grande talento, muito bem no seu papel de madame Lafargue, e Christiano de Souza muito correcto, embora por vezes nos pareceisse não ter comprehendido bem a sua personagem. Maria Falcão, Henrique Alves e Chaby, regularmente bem, principalmente este ultimo que exteriorizou e coloriu bem o seu papel e nos deu um bon type de galopin eleitoral. A encenação, bem aproveitada, não produziu man-

effeito. Não gostámos porém de ver no segundo acto o relógio marcar duas horas e trinta e cinco minutos, quando Lucinda Simões, madame Lafargue, vem dar conta do que se passou em tola a sessão da camera, que diz ter começado pouco depois das duas!

H. T.

## Theatro da Trindade

*Pum!* peça em tres actos e seis quadros, original do escriptor brasileiro Arthur de Azevedo e de Eduardo Garrido, com musica de maestro brasileiro Assis Pacheco.

Com pouco mais de meia casa deu-nos este theatro na quarta feira, 16 do corrente, a primeira representação da peça *Pum!* que deixou o publico mal humorado, pois que o assumpto é massivo em demasia e sem determinação de genero.

Esta peça é de enredo facil e baseia-se em episodios da revolta do almirante Castoldo José do Mello, no Rio de Janeiro, e na apresentação de personagens ditos, e tipos alguns curiosos, que fugindo ás balas do *Apudaban*, vão pedir abrigo a um pacato cidadão residente na Tijuca que momentos antes se sentia satisfeissimo por ser desconhecido o seu paradeiro, deixando-o assim entregue somente ao seu estudo da direcção dos balões, mas a quem depois fazem a cabeça em agua sem saber onde metter tanta gente que lhe invade toda a casa e que de todos os movéis faz abrigo para assim poder passar o resto da noite. Esta scena que, como muitas outras, é bastante longa e sem graça, deixa o espectador mal impressionado e com pouca vontade de assistir ao resto do espectaculo.

O sr. Arthur de Azevedo não foi feliz n'este trabalho que só poderia ter escapado, após a revolução, no Brasil, onde ainda assim o seu exito deveria ter sido mediocre, mas que actualmente o em paleo portuguez não pode ser aceite. O sr. Eduardo Garrido, que sabe como algumas esphallar n'uma peça os seus ditos de espirito, tambem não foi feliz d'esta vez.

A musica, que muitas vezes salva uma peça, tambem deixou a desejar, faltando-lhe vivacidade e contribuindo ainda mais para que o *Pum!* não conseguisse agradar.

Do desempenho pouco ha a dizer, dado o valor dos papéis, conseguindo ainda assim salientar-se Theozes Mattos, Medina de Souza, Maria dos Santos, Queiroz n'um papel fraco para os seus dotes artisticos, e Almeida Cruz. O sr. Colás mais uma vez nos desagradou, forçando a nota do papel. Szenario fraco e guarda roupa mediocre.

H. P.



## MOVIMENTO THEATRAL

A falta de espaço impede-nos de publicar ainda neste numero a noticia sobre a **Resurreicção**, que hontem subiu á scena pela primeira vez no theatro D. Amélia. Publicar-emos no proximo numero.

\*. O novo original do sr. Baptista Diniz, a comedia **Os martyres do matrimonio**, que em breve subirá á scena no theatro da Rua dos Condes, foi assim distribuido:

O *conselheiro Silvestre Simões Montajar*, Enselho de Mello; *Roberto Silva*, Leopoldo Froes; *Arthur Brandão*, José Moreira; *O alcade*, Cesar Maximo; *Christiano Filho*, Antonio Salvador; *José do Espirito Santo*, sacristão, Julio Rebello; *Auciano*, Augusto Martins; *Jato*, criado, N. N.; *Alce*, Julia Castillos; *Aurora*, Ophelia Godinho; *D. Sebastiana Queiroz*, Cláudia; *Josanna*, Rita.

\*. O drama em tres actos **O pae**, original do dramaturgo aucto Strindberg, traduzido pelo nosso presado amigo o sr. Manuel de Macedo, e que em breve subirá á scena no theatro de D. Maria II, foi assim distribuido:

O *capitão*, Ferreira da Silva; *O pastor*, Fernando Maia; *O medico*, Carlos Santos; *um camarada*, Pinto de Campos; *uma ordenanca*, Sampaio; *Louira*, mulher do capitão, Angela Pinto; *Herlita*, sua filha, Luz Velloso; *a ama*, Carolina Falcão.

\*. No ultimo sabado realizo-se no theatro da Trindade, com a operetta **Se ou fóra rei**, a re-

cita de despedida do conhecido e apreciado tenor Emílio Vêlo, que recebeu, mais uma vez, uma publico demonstração do aprecio que os seus amigos e o publico em geral lhe tributam.

N'um dos intervallos cantou muito bem o tenor Vêlo, a *jota* da **Dolores**, essa inspirada composição de Breton, e que lhe valen fartos applausos, aos quaes de bom grado nos associámos. No seu camarim viam-se expostos muitos brindes, ofertas dos seus admiradores e amigos.

\*. Está marcada a noite do proximo dia 30 para a primeira representação, no theatro do Gymnasio, da peça **O outro sexo**.

\*. No theatro da Rua dos Condes activam-se os ensaios da revista **De portas a dentro**, original do sr. Baptista Diniz.

\*. Faz hoje dezesseis annos que se inaugurou o Real Colyseu de Lisboa, na rua da Palma, e hontem fez tambem quinze annos que se inaugurou o novo theatro da Rua dos Condes.



## Club Simões Carneiro

Correa deveras animada a recita que no ultimo domingo se realizou n'este club, e na qual tomou parte o grupo dramatico da Academia Recreativa de Lisboa, representando o *vandelle* em quatro actos, intitulado **Quatro noivos**, original do sr. Antonio Martins dos Santos, com musica do sr. Joaquim Gomes.

Ao seu desempenho já aqui tivemos occasião de nos referir quando ouvimos este *vandelle* representado na sede da Academia; por isso nada temos a acrescentar, senão que a amadora, sr.ª D. Elvira Freitas, ainda na convalescencia da enfermidade que ha dias a perseguir, se manteve á altura dos seus creditos, revelando mais uma vez os bellos recursos de que dispõe para a scena, e que o sr. Julio Silva continha tirando bello partido do papel que lhe foi distribuido, fazendo conservar os espectadores em constante hilaridade.

Ao amador, o sr. Costa Pina, foi offerecida uma grande bandeja, e a todos os outros amadores entregou a direcção do Club Simões Carneiro uns cartões de agradecimento pela sua cooperação, e que ficarão como recordação d'esta festa.

Neste mesmo club ainda este mez, no dia 31, se realizará uma recita com o concurso dos seus grupos gymnastico e dramatico, e a 17 de janeiro uma outra recita em que tomará parte o apreciado grupo dramatico do Club Recreativo.



Ao auctor de certa peça, que não presta nem interesse, diz um collega, escriptor:

«Olhe aquelle espectador: gosta tanto do seu drama, que dorme como na cama!»

O outro ficou dançado e querendo vê-se vingado, p'ro theatro no outro dia foi com a mesma companhia, vêr uma peça engraçada, do auctor da tal panda;

e ao ver um espectador a resonar, diz: «senhor, litterato, amigo e collega;

a sua peça não pôga, pois aquelle na poltrona, não só dorme... até resoma!»

Responde então o primeiro em tom grave e altaneiro: «Você depressa se esquece! Pois então já não conhece aquelle nobre senhor?»

E o mesmo espectador, que desde hontem se ficou e ainda não acordou!»

Tvv.

**PARA AS FESTAS**

**Bilhetes postais illustrados**

**ALBUNS PARA OS MESMOS**

Este artigo é recebido directamente d'Alfama e vende-se por preço em competencia.

**TABACARIA COSTA**

295, Rua do Ouro (Esquina do Rocio)

**Fabrica Nacional de Conservas**

MOVIDA A VAPOR

**Ginjal - Almada**

(Antiga Fabrica da Rua do Poço das Negras)

DE

**A. LEÃO & C.<sup>ta</sup>**

SUCCESSORES DE LINO & C.<sup>ta</sup>

Escritorio - Rua do Poço das Negras, 103 e 103-A LISBOA

**MECO & IRMÃO**

DEPOSITO de

**PAPEIS DE IMPRESSÃO**

20, 21, 22, Largo da Abogaria, 23, 24, 25

LISBOA

**"A EDITORA"**

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Antiga Casa DAVID COLAZZI

Premiada em varias exposições

Grande variedade de obras literarias e scientificas

INDUSTRIAS e ESTAMPAGENS

(Catalogo de 1903 - Gratia)

**Grandes officinas a vapor**

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS e LITHOGRAPHICOS

em todos os generos

comprehendendo execucao na composicao de desenhos e aguarellas

**Cartonagens e encadernações**

em percalinas, pelles ou tecidos de seda

Modelos communs de grande phantasia

PERFITO ACABAMENTO - BOM GOSTO - FORTALIDADE

Preços modicos em todos os trabalhos

PORTUGAL - CONDE BARRO LISBOA

Estabelecimento lithographico e YPOEDITORIA

**MALA DA EUROPA**

JORNAL SEMANAL, ILLUSTRADO, DE GRANDE FORMATO

Propriedade de JOSÉ DE MELLO

Redacção e Administracão: Largo do Conde Barro, 56 - Lisboa

A MALA DA EUROPA, que entra no seu DECIMO anno de publicação, insere em todos os numeroes uma chronica, onde se dá conta dos acontecimentos politicos da semana, em linguagem satyrica e de outras localidades de Portugal, de modo que basta lê-la para se ficar ao corrente de todas as principaes occorrenças.

A MALA DA EUROPA, com o titulo *La semaine portugaise*, publica tambem uma chronica em francez, destinada a informar os que desejarem o mesmo idioma, dos principaes factos da vida portugueza.

A MALA DA EUROPA publica em cada numero grande profusão de gravuras, por vezes coloridas, reproduzindo os acontecimentos mais importantes da semana, retratos, vistas, etc., etc.

**Lanternas**

Para illuminação de estabelecimentos. - 25000 réis par mez, incluindo gr. manga, lanterna e consola.

Pedidos á

**SOCIÉTÉ ANONYME D'ÉCLAIRAGE INTENSIF**

27, Rua de S. Sebastião, 27 - LISBOA

**TABACARIA ESPERANÇA**

ESTAMPILHAS, LETRAS e PAPEL SELLADO

Deposito de tabacos nacionaes

+

**Azevedo & Azevedo**

2, Rua da Esp.ança, 8 - I, Rua de S. Bento, 5

LISBOA

**ANTONIO FURTADO DOS SANTOS**

ESTABELECIMENTO DE

**Ferragens, estanho, zinco e cobre**

TORNOS e ENGENHOS DE FUIAR

Folha de Flandres, chumbo em tubo, laminado e em barra, balausta dos systemas Roberval e decimal e peço do novo systema.

144, Rua da Boa Vista, 146

LISBOA

Não se responsabiliza por requisições que não sejam devidamente assignadas e carimbadas

**FABRICA NACIONAL**

DE

**PAPEIS PINTADOS**

DE

**DIAS TEIXEIRA & C.<sup>ta</sup>**

Papeis pintados para forrar casas, papéis mates, couchês e lustros, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: **José Narciso d'Aguiar & C.<sup>ta</sup> (E.<sup>ta</sup>)**, 21, Avenida da Liberdade 17; **José Miguel dos Santos em C.<sup>ta</sup>**, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL e ESCRITÓRIOS

25, RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 - LISBOA

Aos Collecconadores

**Brindes**

UTENS E BARATOS

ALBUNS PARA 400 BILHETES POSTAES

A 25000 réis (DOIS MIL RÉIS)

**PAPELARIA BIZARRO & SILVA**

78, Rua do Ouro, 80 - LISBOA

**Nestlé**

**Farinha Lactea**

**Sabonete BRAVURE!...**

PARA LIMPAR TODOS OS METAES

A' venda em todas as drogarias

DEPOSITO

DROGARIA DE **Joaquim Pedro Pinto**

RUA DA BOA VISTA, 136 e 138

**Santos, Vieira & C.<sup>ta</sup>**

**Romeu e Julieta**

Todos conhecem estes dois nomes como sublimos modelos de amores desditados. A historia d'esses amores celebres achá-se descrita no romance *Romeu e Julieta*, inspirado na tragedia de Shakespeare. Edição com gravuras. Cada fasciculo de 50 réis, cada tomo 200 réis. Empresa Litteraria Fluminense, Rua dos Trezeiros, 125 - Lisboa.

**J. SANTOS ROCHA**

Rua do Arsenal, 98

Grande sortimento de bilhetes postais illustrados. - Sellos para collecções - Tabacos nacionaes e estrangeiros. - Illustrações estrangeiras. - Assignatura permanente de figurinos para homens e senhoras

**PIERRE SALLES**

**AVENTURAS PARISIENNES**

**A FORMOSA COSTUREIRA**

Elegante publicação cuidadosamente impressa e illustrada com gravuras dos melhores artistas francezes.

Brindes mensaes a todos os assignantes (com excepção)

Uma bonita capa impressa a cores, para brochur cada volume de 144 paginas.

As *Aventuras Parisiennes* serão publicadas em fasciculos semanais de 2 ou 4 folhas distribuidas á vontade do assignante e ao preço de 10 RÉIS cada folha de 8 paginas com 1 ou 2 gravuras.

Tambem se assigna a volumes mensaes de 144 paginas com 25 gravuras, brochados, tendo as capas diversos desenhos allusivos a cada episodio do romance, por 200 réis. Assigna-se!

EM LISBOA

Antiga Casa Bertrand - **JOSÉ BASTOS**

Rua Garrett, 73 e 75

NYC PORTO

Centro de Publicações - Praça de D. Pedro

Em todas as terras do reino, ilhas, provincias ultramarinas e Brazil, onde a Empresa tem correspondentes.